

**ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS  
ACADEMIA REAL MILITAR (1811)  
CURSO DE CIÊNCIAS MILITARES**

**Andercleiber Estrela do Nascimento**

**GUERREIRAS DA FEB: UM ESTUDO SOBRE AS DIFICULDADES E  
SUPERACÕES DAS ENFERMEIRAS BRASILEIRAS NA SEGUNDA  
GUERRA MUNDIAL**

**Resende  
2019**



**APÊNDICE III (TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DIREITOS  
AUTORAIS DE NATUREZA PROFISSIONAL) AO ANEXO B (NITCC)  
ÀS DIRETRIZES PARA A GOVERNANÇA DA PESQUISA  
ACADÊMICA E DA DOUTRINA NA AMAN**

**AMAN  
Mar 2019**

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DIREITOS AUTORAIS DE NATUREZA PROFISSIONAL**

**TÍTULO DO TRABALHO:**

**GUERREIRAS DA FEB: UM ESTUDO SOBRE AS DIFICULDADES E SUPERAÇÕES  
DAS ENFERMEIRAS BRASILEIRAS NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**

**AUTOR:**

**ANDERCLEIBER ESTRELA DO NASCIMENTO**

Este trabalho, nos termos da legislação que resguarda os direitos autorais, é considerado de minha propriedade.

Autorizo a Academia Militar das Agulhas Negras a utilizar meu trabalho para uso específico no aperfeiçoamento e evolução da Força Terrestre, bem como a divulgá-lo por publicação em revista técnica da Escola ou outro veículo de comunicação do Exército.

A Academia Militar das Agulhas Negras poderá fornecer cópia do trabalho mediante ressarcimento das despesas de postagem e reprodução. Caso seja de natureza sigilosa, a cópia somente será fornecida se o pedido for encaminhado por meio de uma organização militar, fazendo-se a necessária anotação do destino no Livro de Registro existente na Biblioteca.

É permitida a transcrição parcial de trechos do trabalho para comentários e citações desde que sejam transcritos os dados bibliográficos dos mesmos, de acordo com a legislação sobre direitos autorais.

A divulgação do trabalho, em outros meios não pertencentes ao Exército, somente pode ser feita com a autorização do autor ou da Direção de Ensino da Academia Militar das Agulhas Negras.

Resende, 28 de Setembro de 2019

---

Assinatura do Cadete

**GUERREIRAS DA FEB: UM ESTUDO SOBRE AS DIFICULDADES E  
SUPERACOES DAS ENFERMEIRAS BRASILEIRAS NA SEGUNDA GUERRA  
MUNDIAL**

Trabalho de Concluso de Curso apresentado ao  
Curso de Graduao em Ciências Militares, da  
Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN,  
RJ), como requisito parcial para obteno do  
título de Bacharel em Ciências Militares.

Orientador: Cel Luiz Emílio Da Cs

Resende  
2019

A meus pais, que sempre me ajudaram e me apoiaram em todos os momentos.

*“Se cheguei até aqui foi porque  
me apoiei no ombro dos gigantes.”*

*Isaac newton*

## RESUMO

**NASCIMENTO, Andercleiber Estrela. Guerreiras da FEB: um estudo sobre as dificuldades das enfermeiras brasileiras na Segunda Guerra mundial.** Resende, 2018.

O presente trabalho se propõe a realizar um estudo sobre a atuação das enfermeiras brasileiras no contexto da Segunda Guerra Mundial, integrantes do destacamento da Força Expedicionária Brasileira (FEB), buscando identificar as principais dificuldades encontradas por elas e verificar se foram superadas. Para isso, foram coletadas informações de documentos históricos, acervos pessoais, fotografias da época, depoimentos de comandantes, e, principalmente, relatos daquelas que estiveram na guerra e vivenciaram a realidade de serem as primeiras mulheres brasileiras no campo de batalha da história do Exército Brasileiro. A análise levou em consideração atributos da área afetiva como camaradagem, persistência, rusticidade, abnegação, espírito de corpo e de cumprimento de missão, necessários para superar as dificuldades que lhes eram impostas. Por meio disso, foi possível concluir a respeito de sua importância para as tropas brasileiras naquela época e quais características são fundamentais e devem ser mantidas para o soldado do Exército Brasileiro do século XXI dentro do contexto das missões constitucionais.

Palavras-Chave: Enfermeiras, Brasil, Expedicionária, Guerra

## ABSTRACT

The present work has the purpose of making a study about the performance of Brazilian nurses' World War II, members of a detachment of Brazilian Expeditionary Force(FEB), seeking to identify the main difficulties encountered for them, and check whether they have been overcome. For this, it was collected informations from historical documents, personal collections, photographs from the time, testimony of commanders, and, especially, reports of those who were in the war and have experienced the reality of being the first brazilian women in battle field from Brazilian Armmm. The analysis took into account the identification of attributes of affective area such as camaraderie, persistence, rusticity, abnegation, body spirit and mission accomplishment, all required to overcome unexpected difficulties. Thereby, it was possible to conclude the importance to Brazilian troops and characteristics considered important that must be kept for the Brazilian Army soldier in XXI century concerning constitutional missions.

Key-Words: Nurses, Brazil, Expeditionary, War

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Recrutamento de enfermeiras.....	17
FIGURA 2 – Treinamento de ordem unida com uma das turmas de enfermeiras do Exército, Colégio Militar do Rio de Janeiro, 1944.....	19
FIGURA 3 – Odete e Virgínia em treinamento de luta de bastões.....	20
FIGURA 4 – Superlotação em navio de transporte dos soldados da FEB.....	21
FIGURA 5 – Grupamento de enfermeiras embarcadas.....	22
FIGURA 6 – Enfermeira Antonieta Ferreira retirando neve com uma pá.....	23
FIGURA 7 – Cotidiano de uma enfermeira no teatro de operações da Itália.....	25
FIGURA 8 – Mudança de localização do hospital de evacuação.....	28

## LISTA DE ABREVIATURAS

CEERE	–	Curso de Emergência de Enfermeiras da Reserva do Exército
CCOMSEX	–	Centro de Comunicação Social do Exército
DECE <sub>x</sub>	–	Departamento de Educação e Cultura do Exército
DIE	–	Divisão de Infantaria Expedicionária
EB	–	Exército Brasileiro
		FEB – Força Expedicionária Brasileira
II GM	–	Segunda Guerra Mundial
PISFLEMB	–	Programa de Inserção do Sexo Feminino na Linha de Ensino Militar Bélico
QEERE	–	Quadro de Enfermeiras de Emergência da Reserva do Exército
RN	–	Rio Grande do Norte



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
1.1	OBJETIVOS.....	11
1.1.1	Objetivo geral.....	11
1.1.2	Objetivos específicos .....	11
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>12</b>
2.1	O CONTEXTO HISTÓRICO DA FEB.....	12
2.2	A CRIAÇÃO DO QUADRO DE ENFERMEIRAS DE EMERGÊNCIA DA RESERVA DO EXÉRCITO.....	12
2.3	DEPOIMENTOS ORAIS, MATERIAIS FOTOGRÁFICO E HISTÓRICO. ....	11
<b>3</b>	<b>REFERENCIAL METODOLÓGICO .....</b>	<b>14</b>
3.1	TIPO DE PESQUISA .....	14
3.2	MÉTODO ANALÍTICO FOTOGRÁFICO ORAL.....	14
<b>4</b>	<b>ANÁLISE DE DADOS .....</b>	<b>15</b>
4.1	AS MULHERES NAS GUERRAS .....	15
4.2	O RECRUTAMENTO.....	15
<b>5</b>	<b>OS DESAFIOS PARA O PREPARO E EMPREGO.....</b>	<b>18</b>
5.1	PREPARAÇÃO PARA A GUERRA.....	18
5.2	VIAGEM.....	21
5.3	CONDIÇÕES CLIMÁTICAS.....	22
5.4	ATUAÇÃO .....	26
<b>6</b>	<b>SERVIÇO À PÁTRIA .....</b>	<b>30</b>
<b>7</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>36</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>37</b>

## 1 INTRODUÇÃO

As guerras e a humanidade são fatores tão correlacionados, que é difícil estudar a história dos homens sem contar os conflitos em que esteve presente. Alessandro Dal Lago(2010), em sua obra, reflete a respeito das guerras atuais, com a citação de uma epígrafe atribuída a Trotsky: “(...) por mais que se possa desinteressar-se da violência organizada, esta termina por nos preocupar diretamente” (DAL LAGO, 2010, p. 9)”. Ou seja, por mais que tentemos ignorar as guerras, isso será inútil, porque elas sempre estarão presentes, por haver choque de interesses entre as partes envolvidas.

Seja no período pré-histórico, quando neandertais foram extintos pelos *Homo sapiens*; seja na Idade Média, quando houve as Cruzadas, também chamada de Guerra Santa; seja na Idade Moderna, quando milhões de índios foram mortos em meio ao processo expansão marítima espanhola em busca de terras e riquezas; e, mais recentemente, seja nos episódios do imperialismo no continente africano, na Primeira Guerra Mundial (I GM) e na Segunda Guerra Mundial (II GM), encontramos interesses que movem as guerras e causam sua existência (FAUSTO, 1998).

Na maioria delas, segundo um estudo publicado pelo Instituto Panos, "as mulheres tem sido pouco ou mal representadas nas histórias de guerra e somente são retratadas como vítimas tristes e desamparadas" (PANAS INSTITUTE, 1995, p. 9). Não é raro literaturas de histórica representá-las como parte da população considerada desprotegida e frágil, incapazes de exercerem a atividade militar, mas muitas delas foram guerrilheiras, interceptaram tropas inimigas, estiveram em fábricas de armamento, de munições e em linhas de transmissão rádio, além de atuarem como carcereiras, cozinheiras e enfermeiras. (VILLANUEVA, 2007). No contexto da participação brasileira em conflitos internacionais, podemos citar a presença das enfermeiras da Força Expedicionária Brasileira (FEB), que enfrentaram inúmeros desafios e, por vezes, têm sua participação desprezada na história.

Diante desse contexto, é válido o seguinte questionamento: tendo em vista que a presença feminina não era comum no ambiente militar da década de 40, e, que muitas daquelas brasileiras se atiraram a uma jornada desconhecida, quais foram as principais dificuldades por elas enfrentadas desde a convocação até a atuação em solo europeu? Essas mesmas dificuldades foram superadas?

Com base nesses questionamentos, este trabalho busca identificar características e padrões de comportamento e de superação das enfermeiras e que podem servir de exemplo e

de motivação para as futuras oficiais do século XXI. Tendo em vista isso, justifica-se mostrar por meio dessa pesquisa que o Exército pode mudar e evoluir com o tempo, mas os valores, as tradições e o espírito de um soldado são os mesmos, independente de fatores como gênero.

## 1.1 OBJETIVOS

### 1.1.1 Objetivo geral

Identificar as principais dificuldades enfrentadas pelas enfermeiras brasileiras durante a II GM, verificar se elas foram superadas e evidenciar as características inerentes ao oficial, ou a falta delas, que foram responsáveis por seus desempenhos.

### 1.1.2 Objetivos específicos

Analisar entrevistas, depoimentos e relatos de enfermeiras e outros protagonistas que, por meio de um caráter subjetivo, relatam o que vivenciaram.

Contextualizar os resultados com fotos, imagens e outros documentos históricos.

Estudar textos históricos e livros didáticos que resgatem a realidade vivida na época.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 O CONTEXTO HISTÓRICO DA FEB**

Considerada uma das maiores guerras de dimensões intercontinentais já ocorridas, a II GM só contou com a participação da FEB após pressão por parte do governo norte-americano para que o Brasil cortasse relações com o eixo e após ataques a navios brasileiros por parte de submarinos alemães e italianos. Tendo em vista esse contexto, a participação da FEB marcou o alinhamento brasileiro ante a frente nazifascista, entretanto, essa atuação efetiva na guerra não era bem vista pelos Aliados e, portanto, não ocorreu de maneira automática. Pelo contrário, era necessário mostrar competência, profissionalismo e resultados para conquistar a confiança dos americanos e dos ingleses, que impunham restrições e oposições à utilização de tropas brasileiras (FAUSTO, 1998).

### **2.2 A CRIAÇÃO DO QUADRO DE ENFERMEIRAS DE EMERGÊNCIA DA RESERVA DO EXÉRCITO (QEERE)**

A criação do quadro de enfermeiras deu-se em função da solicitação dos norte-americanos, que via seu quadro médico sobrecarregado e antevia a dificuldade de atender os brasileiros devido aos fatores linguísticos (MEDEIROS, 2001). Tendo em vista essa solicitação, o governo brasileiro iniciou a busca por voluntárias que atendesse aos seguintes critérios: 18 até 36 anos, solteiras, viúvas ou separadas que possuíssem qualquer diploma de Enfermagem para a seleção. Uma vez selecionadas, participaram do Curso de Emergência de Enfermeiras da Reserva do Exército (CEERE), ministrado pela Diretoria de Saúde do Exército nas seguintes áreas: teórica, física e militar (MOTTA, 2001).

### **2.3 DEPOIMENTOS ORAIS, MATERIAL FOTOGRÁFICO E HISTÓRICO**

Para a realização dessa pesquisa foram utilizados e analisados trechos de entrevistas e depoimentos de enfermeiras militares. Eles foram extraídos da investigação “O Grupamento Feminino de Enfermagem do Exército na Força Expedicionária Brasileira durante a 2.<sup>a</sup> Guerra Mundial: uma abordagem sob o olhar fotográfico 1942 a 1945”, realizada em 2002 e 2003 pela Prof<sup>a</sup> Margarida Maria Rocha Bernardes, e está disponível para consulta em <https://www.youtube.com/watch?v=Dv4-ZAkj07Y&t=324s>. Na época, militares como Virgínia Portocarrero, Carlota Mello, Bertha de Moraes, Roselys Teixeira e Lenalda Campos,

concordaram em participar da pesquisa e registraram suas impressões do período da guerra. Os trechos foram transcritos e o nome do depoente foi posto em parêntese.

Foi utilizado trechos de entrevistas com a enfermeira Elza Cansação concedida ao Portal de Educação do Exército Brasileiro em 07 de outubro de 2003, cedida pelo Centro de Comunicação Social do Exército (CCOMSEX) e passagens de diários de Aracy das décadas de 1960 e 1970. Também foram selecionadas fotos e imagens referentes a determinados períodos para ilustrar o exposto. Os trechos foram transcritos e o nome do depoente foi posto em parêntese.

### **3 REFERENCIAL METODOLÓGICO**

#### **3.1 TIPO DE PESQUISA**

Foi realizado um estudo de cunho histórico, que articula depoimentos orais, material fotográfico e documentos na pesquisa histórica.

#### **3.2 MÉTODO ANALÍTICO FOTOGRÁFICO ORAL.**

O procedimento realizou um paralelo sobre o que foi documentado e o que foi vivenciado pelas enfermeiras no campo de batalha, permitindo ao pesquisador a contextualização de diferentes fontes de informações, num método denominado de Método Analítico Fotográfico Oral.

Por meio dele foi possível fazer um estudo com uma visão subjetiva dos próprios protagonistas, por meio informações com alto grau de confiabilidade e riqueza de detalhes.

Os materiais escolhidos tratam do contexto histórico-social no Brasil em meados dos anos 40, durante a Segunda Guerra Mundial. As enfermeiras, por vezes serão retratadas como “febianas”, em alusão ao destacamento brasileiro que esteve no Teatro de Operações, FEB, Força Expedicionária Brasileira.

## 4 ANÁLISE DOS DADOS

### 4.1 AS MULHERES NAS GUERRAS

A presença feminina é uma realidade do Exército Brasileiro (EB), já pertencentes às áreas de saúde, de música, do setor administrativo e até mesmo do magistério, a força terrestre agora se prepara para inseri-las no ambiente operacional e combatente. O Programa de Inserção do Sexo Feminino na Linha de Ensino Militar Bélico (PISFLEMB), segundo o General de Exército João Camilo Pires de Campos, Chefe do DECEX (Departamento de Educação e Cultura do Exército) em 2017, visa à adequação dos Estabelecimentos de Ensino para receber e formar oficiais e praças combatentes do sexo feminino.

Embora isso represente um progresso, esse processo não foi simples e imediato, a presença feminina no meio militar enfrenta desafios que começaram na Segunda Guerra Mundial e perduram até os dias atuais. Valeria Leoni Rodrigues, em sua pesquisa “A importância da Mulher” conclui:

*As dificuldades aparecem desde cedo. Vários eram os modos como essas trabalhadoras eram percebidas: frágeis e infelizes para os jornalistas, perigosas e indesejáveis para os patrões, passivas e inconscientes para os militantes políticos, perdidas e degeneradas para os médicos e juristas.(Rodrigues, 2008)*

Verificamos assim o quanto o segmento feminino precisava lutar por um espaço nos diversos setores da sociedade, e não seria diferente no ambiente militar. Em 9 de outubro de 1943, mulheres brasileiras, nunca antes incorporadas às fileiras do Exército, foram convocadas para se qualificarem para o serviço de enfermagem para atuarem em solo europeu contra o Eixo num conflito que terminaria somente em 2 de setembro de 1945.

Esse grupo atuou junto ao apoio médico das enfermeiras norte-americanas, suas peculiaridades da atuação desde a fase da seleção, de preparação, de adaptação e de atuação em solo europeu, bem como suas dificuldades e superações no cenário de guerra são assuntos importantes que merecem ser analisados.

### 4.2 O RECRUTAMENTO

A enfermagem tem sido considerada uma profissão indispensável para o ramo da saúde, caracterizada pelo verbo “cuidar”, essa área é responsável por prestar toda assistência

ao enfermo, desde os primeiros socorros, até sua reabilitação. Devido à essas peculiaridades, estudos apontam a superioridade feminina na área de atuação: cerca 85% dos enfermeiros são mulheres, o que evidencia sua preferência e pendor pela atividade (FIOCRUZ/COFEN, 2013). O EB já antevia esse cenário no século passado e, por meio da criação do Curso de Emergência de Enfermeiras da Reserva do Exército (CEERE), incorporou as mulheres em suas fileiras, que buscou suprir as necessidades de apoio médico para a FEB.

A contextualização histórico/político desse momento baseia-se no período da Era Vargas (1930-1945), no qual dois fatos foram preponderantes para a criação do destacamento febiano. O primeiro deles foi: [...] *o ataque japonês a Pearl Harbor em 7 de dezembro de 1941, o que tornou a guerra mundial* (Hobsbawm, 1999), e o segundo seria a posterior aliança que o Brasil firmou com os americanos, de modo a romper relações com a Alemanha, até então estabelecidas num aspecto de “complementaridade econômica” (AZEVEDO, 2010).

Em consequência disso, frotas brasileiras foram atacadas por submarinos alemães, ascendendo um sentimento de indignação e revanchismo, forçando o governo a adotar posturas mais enérgicas frente às investidas nazistas (GAMA, 1982). É nesse contexto, caracterizado por tensões políticas, econômicas e militares que foi criada a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (DIE), gênese da FEB, composta por 25.334 soldados, dentre os quais enfermeiras brasileiras, que iriam lutar na II GM sob o comando do general Mascarenhas de Moraes (FAUSTO, 1998).

Podemos verificar, portanto, que a formação das enfermeiras militares representou um processo complexo. Um conflito internacional (II GM) foi capaz de articular interesses políticos, econômicos e militares, de maneira a mobilizar um contingente para a formação do exército que seria a tropa brasileira no solo europeu.

Em meio a esse clima de guerra, foi dado início ao processo de recrutamento. Medeiros (1987) esclarece a situação:

*Embora a profissão de enfermagem seja eminentemente feminina, o Exército só tinha, até então, enfermeiros masculinos. [Fomos] alertados pelos americanos de que a Força Expedicionária deveria levar o seu próprio corpo de enfermeiras, não só para facilitar o entendimento entre pacientes e enfermagem, como também porque as suas profissionais já estavam sobrecarregadas de serviços. Foi aí então que o Brasil se viu premido a organizar o Curso de Emergência de Enfermeiras da Reserva do Exército e, dentre as que terminaram esses cursos, selecionou as que seguiram para a Itália. (MEDEIROS, 1987)*

Em outra obra, ela reafirma: “[...] *as [enfermeiras] americanas já estavam sobrecarregadas de serviço, além do mais não falavam a língua dos futuros pacientes*



[brasileiros] [...]” (MEDEIROS, 2001). Percebe-se nos dois trechos que as enfermeiras brasileiras seriam importantes para manter a qualidade do atendimento médico, devido ao fator linguístico e ao vigor físico/mental.

Inicialmente foi solicitado apoio à Escola de Enfermagem Anna Nery, de forma que suas alunas participassem do serviço de saúde da FEB, entretanto, tal proposta foi negada pela diretoria da Escola, sob justificativa que o posto militar e a remuneração que seriam dispostos às alunas não eram condizentes com a atividade exercida (MEDEIROS, 1987).

Diante dessa negativa, o Exército precisou abrir um voluntariado solicitando: “[...] mulheres entre 18 até 36 anos, solteiras, viúvas ou separadas e que possuísem qualquer diploma de Enfermagem se apresentassem para seleção[...]” (jornal *O Globo* de 9 de outubro de 1943). Para isso, foi necessário articular os meios de comunicação e imprensa para convocar as brasileiras ao serviço da pátria, como pode-se perceber na capa da revista semanal *O Cruzeiro*:

FIGURA 1 – RECRUTAMENTO DE ENFERMEIRAS



FONTE: Capa da Revista O Cruzeiro em 1943

Uma vez selecionadas, eram submetidas a três fases distintas: parte teórica, preparação física e instrução militar, de modo a adquirir o chamado *habitus* militar (SILVEIRA, 2000). Percebe-se, assim, que o processo de seleção das enfermeiras seguia pré-requisitos, de modo que não seria qualquer mulher que além de cumprir os critérios exigidos, conseguiria suportar toda a preparação desse período transitório do meio civil para o meio militar. Começam a surgir nesse momento as primeiras dificuldades que elas enfrentariam caso desejassem demonstrar seu valor na guerra.

## 5 OS DESAFIOS PARA O PREPARO E O EMPREGO

Dessa forma, as dificuldades no processo de inserção das mulheres no militarismo já iniciaram antes mesmo de iniciar o período de preparação. O preconceito e as ações de reprovação social já eram nítidos, a esposa do ministro da Guerra, Sra. Dutra, nomeada patrona das enfermeiras da FEB, chegou a expressar sua reprovação ao fato de mulheres entrarem no Exército, afirmando que “isso era coisa de moças que não prestavam” (Morais, 1949). A declaração de Medeiros (1987, p. 724) reafirma:

*As primeiras voluntárias do Brasil sofreram difamações horríveis. Até a mulher de um militar de alta patente do Exército taxou-nos de 'prostitutas que queriam ir para a guerra para fazer a vida'. A nossa guerra, na realidade, começou aqui mesmo. (MEDEIROS, 1987, p.724)*

### 5.1 PREPARAÇÃO PARA A GUERRA

Uma vez selecionadas, dava-se início ao CEERE em vários estados brasileiros, de caráter urgente, emergencial e com duração de 6 semanas. Camerino (1983) comenta esse período de preparação:

*Ao mesmo tempo em que se adestravam os rapazes da Força Expedicionária Brasileira, que defenderam nos campos de batalha da Europa, com bravura e civismo, a honra e a causa da nossa Pátria, fortalecendo as nossas gloriosas tradições militares, outros trabalhos especiais de adestramento eram realizados, com o fim de preparar uma turma de enfermeiras para completar a nossa expedição oferecendo-lhes os modernos conhecimentos e recursos de guerra. (CAMERINO, 1983)*

Valadares (2001) também registou sobre esse período: “Eram dadas aulas em vários lugares do Rio de Janeiro: Faculdade de Medicina da Praia Vermelha, Hospital Central do Exército, Cruz Vermelha, Forte São João”. A enfermeira Virgínia Portocarrero relata sua experiência durante esse período preparatório, e podemos perceber que logo no início as primeiras dificuldades apareceram:

*O treinamento todo era muito pesado. Amanhecíamos no Hospital Central do Exército até doze horas. Aí, pegávamos um ônibus e vínhamos para um restaurante ao lado da Central do Brasil (...) Nós entrávamos às treze horas nas aulas teóricas na Diretoria de Saúde, no centro [da cidade], antigo Ministério do Exército (...), hoje [denominado] Comando Militar do Leste. Acabando isto, pegávamos um ônibus ali mesmo da Central para a Urca e íamos para a Escola de Educação Física (...). Só éramos liberadas[às] seis horas da noite. Tínhamos o dia inteiro de treinamentos diferentes. (Virgínia Portocarrero)*

Nota-se, assim, que as atividades eram descentralizadas, e o deslocamento para as instruções aliado ao estresse e fadiga da preparação foram os primeiros obstáculos a serem superado: “Quando chegava à noite, eu estava exausta”, foi o relato de uma delas. (VALADARES, 2001:78-79)

Além da questão do deslocamento, o processo de formação das enfermeiras foi bastante criticado por elas, uma vez havia instrução julgadas desnecessárias e outras consideradas importantes, mas que não foram priorizadas. Bertha de Moraes (1949) em seu depoimento criticou:

*Como amostra de previsão intelectual, a direção do Curso nos obrigou a umas intoleráveis e ridículas aulas de francês [...]. Não saberiam os responsáveis pelo Curso (ou teria sido difícil prever?) que iríamos viajar em transportes americanos, que iríamos ser empregadas com tropas americanas, que iríamos permanecer dias e dias em bases americanas? [...] continuávamos a ignorar, por exemplo, o emprego do termômetro Fahrenheit [...].(MORAES, 1949)*

Valadares (2001) também registrou algo semelhante:

*Havia aulas que eu achava desnecessárias, de ordem unida, de educação física, de fazer continência. Depois, na Itália, eu percebi que as coisas importantes não haviam sido ensinadas, como fazer conversão dos graus Fahrenheit, dos termômetros americanos em graus Celsius dos nossos. Os médicos americanos, lá, desconfiavam da tomada de temperatura por nossas enfermeiras...(VALADARES, 2001)*

Cansação reafirma:

*A nossa situação foi muito difícil, pois tivemos um treinamento da Guerra de 1914-1918 [Primeira Guerra Mundial], guerra de trincheira. Nós tínhamos no Brasil a Missão Militar Francesa nos treinando, portanto, o aprendizado daqui não valeu para lá, nós tivemos que aprender tudo de novo. Inclusive o armamento era completamente diferente. O armamento usado aqui era o Garand, lá era a Springfield, a bazuca, o morteiro.*

FIGURA 2 - TREINAMENTO DE ORDEM UNIDA COM UMA DAS TURMAS DE ENFERMEIRAS DO EXÉRCITO, COLÉGIO MILITAR DO RIO DE JANEIRO, 1944



FONTE: BERNARDES (2007)

A formação e preparação intelectual das enfermeiras era um desafio a ser superado. Sessenta e sete mulheres foram ao campo de batalha, mas apenas sete delas possuíam ensino superior em enfermagem, entre elas: Olga Mendes, Nair Paulo de Melo, Altanira Pereira Valadares, Antonieta Ferreira, Ondina Miranda de Souza, Bertha Morais e Maria Aparecida França (LEITE, 2011).

No que tange à preparação física, as candidatas eram submetidas a treinamentos físico-militar de modo a serem capacitadas a resolver problemas médicos além-mar no Teatro de Operações com vigor e entusiasmo (BERNARDES, LOPES, SANTOS, 2004). Na FIGURA 3, vemos duas mulheres na pista gramada de atletismo da Escola de Educação Física do Exército (Odete Baltazar de Oliveira à esquerda e Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero à direita), na cidade do Rio de Janeiro, realizando treinamento de luta com bastões, exercício que exigia flexibilidade e intenso esforço físico. Virgínia comentou a fotografia: “Nós lutávamos e uma tinha que derrubar a outra (...). Era para treinar defesa pessoal (...). Eu venci na queda”.

FIGURA 3: ODETE E VIRGÍNIA EM TREINAMENTO DE LUTA DE BASTÕES



FONTE: (BERNARDES, LOPES, SANTOS; 2004)

Além das atividades mostradas nas fotos, as candidatas participavam de corridas, de marchas rastejantes, de escaladas, de saltos, de passagem de travas e pórticos, de transposição de valas com cordas, de subidas em cabo, de defesa pessoal e de sessões de natação. (SILVEIRA, 2001). Tratava-se, portanto, de um treinamento físico completo, para o qual nem todas estavam preparadas para enfrentar:

*“Eu era uma pessoa frágil, [que] não tinha a disposição física que adquiri após os treinamentos feitos pelo Exército, lá na Escola de Educação Física, na Urca, no Forte São João (...). Eu pesava quarenta e dois quilos (Virgínia Portocarrero)*

Considerando o processo de preparação física, confrontando as fotografias apresentadas e analisando o relato acima, percebe-se que atributos da área afetiva como adaptabilidade, rusticidade e espírito de cumprimento de dever (hoje fundamentais para a formação de um soldado do EB) forjaram as enfermeiras da FEB, de modo a superarem seus próprios limites, e romper as barreiras que antes seus próprios corpos lhes empunhava.

## 5.2 VIAGEM

Uma vez selecionadas e treinadas para atuarem no conflito, era chegado o momento do embarque e da viagem, e com ele, mais dificuldades surgiram. Informações essenciais não foram passadas à sociedade, e nem mesmo aos próprios pracinhas (imagens e história: uma análise ....). Até o momento de ser realizado, ninguém sabia o dia de embarque e nem os locais de desembarque (BRAYNER, 1968, p. 85).

Segundo Costa (2002), de julho de 1944 a fevereiro de 1945 foram realizadas cinco levadas de viagens em navios norte-americanos, sendo que o itinerário de ida passava por uma base americana em Parnamirim (RN), em seguida para Dakar, depois Casablanca, e, finalmente, Nápoles (LEITE, 2011). Em todo o percurso, as dificuldades de enfrentar a viagem foram as mesmas: desconhecimento do mar, muitas delas nunca haviam entrado num navio e não sabiam das possibilidades de ocorrerem enjoos, falta de espaço (FIGURA 4) e ócio, compensado por vezes com material levado consigo no embarque (FIGURA 5). Aliado a isso, percebia-se a saudades da família e a falta de uma despedida merecida pelos motivos já elencados anteriormente (BRAYNER, 1968, p. 87). Embora houvessem todos esses empecilhos, percebemos na FIGURA 5 rostos sorridentes e de alegria, demonstrando entusiasmo e vontade de cumprir missão, superando mais uma vez os desafios.

FIGURA 4: SUPERLOTAÇÃO EM NAVIO DE TRANSPORTE DOS SOLDADOS DA FEB



FONTE: Acervo da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil – Seção Brasília

FIGURA 5: GRUPAMENTO DE ENFERMEIRAS EMBARCADAS



FONTE: Acervo da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil – Seção Brasília

### 5.3 CONDIÇÕES CLIMÁTICAS

Com a chegada em solo europeu, não demorou muito para que o inverno fosse apresentado como o primeiro choque de realidade para muitas delas, que enfrentaram as variadas condições climáticas, como relatou a enfermeira Virgínia Portocarrero:

*[...] chegamos com um calor intenso, então foi indo gradativamente até chegar a neve [...] enfrentávamos aquele clima difícil, chuva, vento, degelo, frio, tempestade [...] às vezes pela noite a dentro a barraca resolvia desabar, acordávamos com a lona fria no rosto, dentro da cama rolo [...] coisas da guerra [...] a gente tinha que sair da cama e pegávamos aquela chuva toda [...]](Enfermeira Virgínia Portocarrero).*

A enfermeira Carlota Mello comparou o clima do Brasil ao clima europeu e seu depoimento está de acordo com o de Virgínia:

*[...] o frio era uma coisa horrorosa [...] o frio na Europa é uma coisa terrível [...] olha que aqui em Belo Horizonte faz frio, mas não é nada comparado ao que passamos por lá [...]](Enfermeira Carlota Mello)*

A figura 6 mostra a enfermeira Antonieta Ferreira com uma pá retirando neve daquela região. Elza Cansanção comentou essa foto: “[...] a tenente Antonieta Ferreira remove a neve na entrada da sua barraca [...]”. É possível notar o esforço físico dela para realizar esse trabalho, o que evidencia que o frio não era a única preocupação no inverno, mas a manutenção das instalações do acampamento também era importante, pois influenciava diretamente o moral de todos, como dito pela enfermeira Bertha Moraes:

*[...] Antonieta, excelente enfermeira, formada pela Cruz Vermelha Brasileira, ótima colega [...] esse mundo de neve aqui era um tormento [...] eu dormia [na barraca]*

*com um cabo de vassoura [...] do lado da cama, [...] ia caindo a neve, caindo a barraca até chegar no rosto [...] a gente dava uma cutucada para a neve cair dos lados e dormíamos mais um pouco [...] foi muito difícil [...] mas a mocidade aguenta tudo [...] (Enfermeira Bertha Moraes).*

FIGURA 6: ENFERMEIRA ANTONIETA FERREIRA RETIRANDO NEVE COM UMA PÁ



FONTE: 5ª Seção do CML, Subseção de Áudio-Visuais

Os depoimentos a seguir corroboram a explicar a constante luta com o frio:

*[...] a friagem era muito grande [...] quando fomos para lá [...] levamos capa de brim [inadequada] para o inverno europeu [...] as americanas nos levaram para comprar mais agasalhos [...] eu comprei capa igual à das americanas, forrada de pele [...] cachecol [...] luvas [...] nós tínhamos estufas para nos aquecer porque o frio de lá não era de brincadeira [...] o frio foi muito intenso[...]* (Enfermeira Roselys Teixeira).

*[o frio] [...] quantas e quantas noites eu fiquei com 16 graus abaixo de zero em Livorno, botava a capa por cima do pijama e ia fazer uma ronda no hospital* (Enfermeira Elza Cansação).

O relato acima de Rosely deixa claro que além de não estarem acostumadas com baixas temperaturas, as enfermeiras também não foram preparadas para enfrentar o frio, era comum, portanto, o uso de produtos americanos como uniformes, equipamentos, medicamentos e artigos de higiene pessoal americanos, evidenciando assim um processo de aculturação e assimilação dos costumes norte-americanos (Barreira; Baptista, 2002) Virgínia também complementa:

*[...] os uniformes que recebemos do Brasil foi humanamente impossível de serem usados [...] nós recebemos avantajados uniformes americanos de lã [...] muitas mantas para nos cobrirmos [...] existiam lareiras dentro da barracas...nos adaptamos bem [...] a compra de diversos complementos para usar com os uniformes era opcional, a capa de borracha americana com forro de lã adaptável, realmente foi comprada, mas valeu a pena, foi muito útil [...]*

A enfermeira Hilda Ribeiro também relatou:

*[...] Recebemos dos americanos uma capa de chuva verde-oliva com capuz amarrado [...] a capa era revestida interiormente por um casacão de lã grosso, abotoado e removível [...] ganhamos também japona marrom esverdeada [...] a meia bota brasileira apropriada para a neve foi o equipamento brasileiro que mais nos serviu [...]*

Os depoimentos dessas cinco enfermeiras deixaram claro que a questão climática foi marcante para elas, e a falta de apoio do Exército Brasileiro contribuiu para piorar a situação. Motta (2001), relata que as primeiras enfermeiras partiram do Brasil sem receber seus uniformes de serviço e que passaram 20 dias com trajés inadequados. Entretanto, o mais importante e que deve ser frisado é o que Virgínia e Bertha falaram, respectivamente: “[...]nos adaptamos bem[...]”, “[...] a mocidade aguenta tudo[...]”. Evidenciando mais uma vez a adaptabilidade mostrada pelas enfermeiras, que em meio às dificuldades e ao despreparo frente às condições climáticas, não esmoreceram e buscaram soluções frente ao problema que lhes foi imposto.

Ainda no que tange à questão dos uniformes, vale destacar que eles foram criados por uma comissão composta pela Sr<sup>a</sup> Darcy Vargas, esposa do presidente da República Getúlio Vargas, e Sr<sup>a</sup> Santinha Dutra, esposa do então Ministro da Guerra, Eurico Gaspar Dutra, e que não foram bem recepcionados pelas enfermeiras, Elza Cansação reclamou: “[...] nosso uniforme foi simplesmente desconfortável e ridículo”. Outra enfermeira também relatou:

*[...] Dona Santinha [...] esposa do General Dutra [...] acho que ela mandava mais do que ele que era Ministro da Guerra[...] ela e Dona Darcy Vargas [...] a Comandante [do Comitê que decidiu os uniformes das enfermeiras] [...] resolveram um uniforme horroroso, pano de algodão cor cinza escuro, um vestidão solto, uns bolsos [...] parecia espantalho de arrozal [...] um triângulo daquele mesmo pano para amarrar na cabeça [...] assim como lavadeira, faxineira [...] a primeira vez que eu vesti, tive vontade de morrer [...] por sorte [...] eles nos deram os uniformes das enfermeiras americanas [...] uniforme só de trabalho [...] nós não saíamos do recinto do hospital com aquela roupa, que era um vestido aberto [...] transpassado [...] (Enfermeira Bertha Moraes).*

A solução encontrada foi utilizar uniformes americanos, que, segundo depoimentos, foram bem recepcionados:

*[...] eu gostava dele [o uniforme] [...] foi usado durante o verão [...] era transpassado na frente, amarrado atrás, sem botões, de tecido listado [...] fácil de vestir e tirar [...] muito prático para trabalhar [...] acompanhando-o tinha um casaquinho de malha de tricô beje de uso facultativo [...] os sapatos americanos eram marrons e mais confortáveis do que os nossos [...] foi versátil (Enfermeira Hilda Ribeiro).*



Outra depoente corrobora com essa ideia:

*[...] nós os ganhamos dos americanos [...] era prático e funcional [...] pouco o usei porque eu era do serviço aéreo [...] viajava constantemente, usando os uniformes próprios de voo [...] (Enfermeira Lenalda Campos).*

FIGURA 7 – COTIDIANO DE UMA ENFERMEIRA NO TEATRO DE OPERAÇÕES DA ITÁLIA



FONTE: 5ª Seção do CML, Subseção de Áudio-Visuais

Contextualizando a foto anterior, vemos a enfermeira Lúcia Osório usando seu uniforme de verão enquanto lava roupa. É curioso o uso do capacete para finalidades não militares, como bacia para lavar roupa. Existem depoimentos a respeito dessa foto:

*[...] a nossa bacia [...] era o capacete, era grande, dava para lavar roupa, lavar o pé [...] o rosto [...] era o que nós usávamos mais que tudo [...] aqui era uma colega Lúcia Osório [...] ela era a moça mais bonita do nosso contingente todo [...] muito boa colega [...] o capacete era um grande amigo [...] (Enfermeira Bertha Moraes).*

Isabel Feitosa também depôs a respeito do assunto:

*[...] o capacete era nosso “safa onça” [...] nós não tínhamos bacia [...] usávamos ele para tudo [...] lavávamos roupas íntimas, o uniforme de verão americano como mostra a foto, além de ter os mais diferentes fins [...] o uniforme de verão [...] secava rápido [...] era muito prático [...] não precisava passar [...] lavou, pendurou, secou, vestiu [...] usávamos ele diariamente para trabalharmos no verão [...] (Enfermeira Isabel Feitosa).*

Havia padronizações inclusive nas peças íntimas, conforme depoimento:

*[...] por azar [...] as roupas íntimas levadas eram formadas de peças padronizadas compradas em local estipulado [...] as calcinhas eram de malha de algodão [...] podiam ser rosa, azul, mas abaixo do joelho; eu nunca vi nada igual nem em bisavó minha [...] aqui no Brasil nós já usávamos o látex como o delas [...] o soutien era verde oliva [...] por esse motivo eu, Antonieta e Carmem Bebianio tínhamos vergonha de tomar banho em conjunto com as americanas, nós tomávamos banho à*

*noite, quando não mais funcionava a água quente e os banheiros não tinham mais luz [...] nós lavávamos nossas roupas na pia e pendurávamos nas nossas barracas [...] nós fizemos camaradagem com as americanas e elas nos levaram na cantina[então]nós compramos outras roupas íntimas [...] (Enfermeira Virgínia Portocarrero).*

Virgínia aponta acima as dificuldades sofridas no dia a dia devido às peças de roupa que foram malfeitas, fator que influenciava nas relações interpessoais com a americanas, mas é importante destacar a camaradagem (atributo da área afetiva importante para o oficial do Exército Brasileiro por meio do espírito de corpo e da união entre elas), foi responsável para solucionar os problemas.

#### 5.4 ATUAÇÃO

Como visto, as voluntárias que fizeram parte do destacamento médico da FEB em solo europeu eram oriundas de uma sociedade familiar patriarcal, protegida e limitada, em que as mulheres poucas oportunidades tinham para exercer suas atividades profissionais. No meio militar, passaram por um período preparatório de caráter emergencial de seis meses, que, notavelmente, é pouco tempo para a incorporação de um *habitus* militar. Elas possuíam o conhecimento técnico de enfermagem, mas nunca haviam participado de uma guerra e suas consequências, não conheciam essa particularidade da profissão, não haviam experiência e nem sabiam atuar sob pressão. Em contrapartida, as enfermeiras norte-americanas que ali se encontravam foram formadas sob outras circunstâncias, elas já estavam atuando na Guerra há quatro anos, sabiam das peculiaridades em que estavam submetidas, estavam acostumadas às rotinas hospitalares e tinham segurança para tomar decisões e liderar nos momentos que eram exigidas (BERNARDES; LOPES, 2007).

Essa diferença entre elas foi marcante para as brasileiras, de modo a influenciar seu rendimento e sua atuação nos postos médicos. Valadares registrou:

*“[...]Num caso que tomei conhecimento, a enfermeira americana anotou no prontuário de uma brasileira: not good nurse, not good girl, not good to stay here. [...]” (VALADARES, 2001)*

Percebemos assim que a relação entre as enfermeiras americanas e brasileiras nem sempre foi pacífica, e administrar os dois lados era um fator a ser considerado. Nos hospitais de campanha, as *nurses* norte-americanas ocupavam cargos importantes como chefia de

serviços de enfermagem, além de possuir patentes como major ou capitão. Nessa condição, era natural tratarem as enfermeiras brasileiras como subordinadas, submetendo-as à escala e técnica americana e a uma jornada de 12 horas de trabalho. (AMICUS, 2001).

Uma vez que o EB não as havia promovido e nem remunerava elas de acordo com o posto ou graduação condizente com suas respectivas funções, a ausência de uma unidade de comando bem definida acarretava a uma cadeia de comando desorganizada e conflitos no que tange à hierarquia e disciplina. A situação só foi resolvida quando percebido o caos que aquela situação estava gerava, elas foram promovidas a 2º Tenente, deixando de ser “civis fardadas”. Mesmo que a ascensão simbólica ao oficialato, a remuneração era de 2º Sargento durante todo o período da Guerra. (OLIVEIRA, 2013)

Além dos fatores citados acima, havia a barreira linguística como um fator a ser superado, muitas delas não sabiam falar outro idioma além do português. Trechos retirados de diários da enfermeira Aracy narram:

*Na enfermaria em que trabalhava era apenas eu de enfermeira brasileira, as outras três eram americanas. Na seção brasileira de hospitalização, trabalhavam as outras enfermeiras nossas. Houve sempre boa camaradagem entre nós e com facilidade fui aprendendo a falar o inglês e o italiano, servindo de intérprete para os nossos soldados brasileiros e os serventes italianos.*

Mais uma vez está evidenciado os atributos de camaradagem e adaptabilidade. Como visto, nem mesmo as barreiras linguísticas eram um fator impeditivo para o cumprimento da missão, que era realizada da melhor maneira possível.

O General de Divisão João Batista Mascarenhas de Moraes e comandante da FEB, assim se pronunciou a respeito das brasileiras e sobre os referidos:

*[...]viveram e serviram em hospitais norte-americanos, onde, além das dificuldades advindas das diferenças idiomáticas e hábitos, suportaram por algum tempo a inferioridade hierárquica e pecuniária em relação às suas colegas americanas, com quem conviviam [...] (MORAES, 2005)*

A dinâmica empreendida no Teatro de Operações (TO) também era um fator a ser considerado, a medida que os conflitos se desencadeavam e as fases das operações eram concluídas, ocorriam constantes mudanças na localização dos hospitais, seja em função de estratégias bélicas de avanço ou de retraimento, essas constantes realocações dos postos médicos não eram simples e despediam muito tempo. O seguinte relato de uma enfermeira ilustra essa situação:

*[...] não tínhamos colchões nesses Hospitais de Evacuação [...] numa mudança seria muito difícil transportarmos os mesmos [...] fazíamos uso de nossa cama rolo colocada em cima da lona, e colocávamos nossas roupas estendidas e cobertores que recebíamos, pois no caso de mudança rápida, era só enrolar a cama de rolo com nossa roupa dentro e desamarrar os catres e carregar [...] Nestes hospitais de Evacuação tínhamos que estar sempre alertas com as mudanças rápidas e assim tínhamos que estar sempre tudo arrumado por precaução [...] eu me locomovi por onze hospitais porque quando avançava a tropa, nós avançávamos também [...]* (Enfermeira Virgínia Portocarrero).

A figura a seguir ilustra a narrativa de Virgínia num processo de mudança de localização de um Hospital de Evacuação. Num primeiro momento vemos dois militares segurando uma sacola para transportá-la de maneira sincronizada para dentro da viatura, ao fundo, outras duas enfermeiras também alocam seus materiais. É possível perceber sorrisos nos rostos daquelas que estão no solo, havia um clima de descontração mesmo num período crítico de mudança:

FIGURA 8: MUDANÇA DE LOCALIZAÇÃO DO HOSPITAL DE EVACUAÇÃO



FONTE: 5ª Seção do CML, Subseção de Audiovisuais.

No que se refere ao desempenho de suas funções e às dificuldades que uma guerra pode proporcionar no tratamento dado aos pacientes feridos, por meio desse trecho em Medeiros (1987), percebemos os desafios que elas enfrentavam:

*[...] Os ferimentos que chegavam ao hospital eram os mais estranhos possíveis, coisas com as quais não tivemos contato durante o treinamento, claro. Os mais graves eram as mutilações, estes eram levados para o Field Hospital, o hospital mais avançado da linha de frente. Os feridos que vinham para a retaguarda eram de segunda instância. [...]*(MEDEIROS(1987)

Aracy também registrou algo referente à atuação nos leitos dos hospitais:

*[...] Em fevereiro, após a tomada de Monte Castelo, baluarte onde os alemães se estabeleceram e onde mataram muitos soldados, o Hospital esteve lotado e o trabalho foi árduo. [...]*

## 6 SERVIÇO À PÁTRIA

A recusa das enfermeiras da Escola de Enfermagem Anna Néri em servir à pátria devido às condições desfavoráveis de trabalho como falta de posto e de remuneração favorável ficou conhecida, segundo Leonzo (1998), com a síndrome de Ana Néri. A mulheres que se voluntariaram e não possuíam essa síndrome, segundo Silva (1995,p.52), estavam baseadas na ideologia de cuidado abnegado. Leonzo (1998,p.52) identificou-o no ideário febiano:

*Até mesmo aquelas que se integraram à Força Expedicionária Brasileira (FEB) sentiram os efeitos do que denominei 'síndrome de Ana Néri', incentivada, na primeira década deste século, pela brilhante atuação da Cruz Vermelha, levada para as telas do mundo inteiro com o objetivo de garantir, através de enredos repletos de paixão e aventura, a passagem dos pressupostos ideológicos do imperialismo norte-americano. (LEONZO, 1998, p.52)*

Essa abnegação e bravura das brasileiras foi registrado pelo General Carlos de Meira Mattos (1983) prefaciou o livro *A Mulher Brasileira na Segunda Guerra Mundial*, de Olímpia Camerino de Araújo:

*À História do Brasil na Segunda Guerra faltava um relato tão completo sobre o papel desempenhado pela nossa Enfermeira Militar que, 75 anos após a Guerra do Paraguai, reviveu em todo o esplendor e beleza a figura heroica de Ana Nery. Esta enfermeira da Segunda Guerra Mundial renova em nós a fé nos valores morais e na bravura de nossa gente, demonstradas nas horas difíceis de conflitos bélicos inevitáveis.*

Durante todo o desenrolar da Guerra, as autoridades da FEB na Itália fizeram uso de Boletins Internos para expressar satisfação e agradecimentos pelos serviços por meio de referências elogiosas. O General de Divisão, João Batista Mascarenhas de Moraes, comandante da FEB, fez a seguinte observação no que diz respeito à atuação das enfermeiras brasileiras no Boletim Interno nº 45, de 14/02/145, da 1ª DIE :

*Coube à nossa enfermeira, além da missão profissional, representar as virtudes da mulher brasileira, entre homens e mulheres de várias nacionalidades, no convívio cotidiano dos hospitais norte-americanos. As nossas compatriotas, que acorreram ao chamado da Pátria, prestaram excelentes serviços à FEB, durante a sua permanência em território italiano, enfrentando e vencendo obstáculos numerosos. Ainda no Brasil, sofreram a maledicência impatriota de alguns. Na Itália, viveram e serviram em hospitais norte-americanos, onde, além das dificuldades advindas das diferenças idiomáticas e hábitos, suportaram por algum tempo a*

*inferioridade hierárquica e pecuniária em relação às suas colegas americanas, com quem conviviam. Não obstante os óbices encontrados, as enfermeiras incorporadas à FEB atenderam com abnegação e proficiência aos nossos feridos e doentes, dando um veemente e nobilitante testemunho do valor da mulher brasileira (MORAES, 2005)*

Outras foram individualmente elogiadas, como é o caso da enfermeira Elita Marinho. O Major Ernestino Gomes de Oliveira, médico-chefe do 38th *Evacuation Hospital*, em BI de 30/12/1944, assim se pronunciou:

*Em virtude de hoje passar a Chefia desta SBH ao meu substituto, é com prazer que externo, pública e nominalmente, a minha opinião de Chefe e amigo, àqueles que, leal e desinteressadamente, tendo apenas em vista o engrandecimento da Pátria, ajudaram-me no exercício de minhas funções no cumprimento dos deveres militares profissionais que lhe foram atribuídas durante a fase mais difícil da organização e início desta Seção. Enfermeira Elita Marinho, cooperadora abnegada, personificando a dedicação e o amor da mulher brasileira, que sem medir sacrifícios, procurou, pelo trabalho intenso e dedicado, minorar os sofrimentos dos feridos e doentes merece, não apenas, meu louvor, mas a minha genuflexão pelo bem que tem aspergido entre os valorosos soldados do Brasil. (...) como exemplo digno de ser seguido com padrão por todos que se sacrificam pela causa da liberdade a serviço do BR, tenho muita satisfação em elogiar e louvar, nominalmente a enfermeira Elita Marinho, esforçada e delicada, cumpridora de seus deveres, foi de grande eficiência a sua ação junto à cabeceira dos doentes e com calma e serenidade que atendia a todos os misteres da enfermagem sob sua responsabilidade (MEDEIROS, 2003)*

O Major Ary Duarte Nunes, médico-chefe também registou:

*Enfermeira Elita Marinho trabalhou com muita dedicação e carinho em exaustivos plantões noturnos, demonstrando sempre espírito de sacrifício e boa vontade. Representou dignamente a mulher brasileira neste Teatro de Operações. Louvo-a e agradeço todos os serviços prestados não só a esta Seção, mas ao Brasil (MEDEIROS, 2003)*

O Coronel G. T. Wood, Comandante do 38th *Evacuation Hospital* fez a seguinte observação:

*Realizou excelente trabalho, manifestou dedicado interesse no bem-estar dos participantes, cooperou com os membros desta unidade no mais alto grau, e demonstrou o mais alto padrão de disciplina militar. Lamento que tenha sofrido incômodos e perdas de seus haveres por causa da recente inundação [referindo-se à enchente do Rio Arno, em 02.11.1944, no qual o 38th *Evacuation Hospital* teve que se mudar de Pisa para Pistóia] (MEDEIROS, 2003)*

Os três depoimentos acima têm em comum a personificação da enfermeira brasileira como soldado pronto para a guerra, possuidoras de atributos necessários para atuar no campo de batalha, como abnegação, proficiência, espírito de cumprimento de missão e dedicação. O patriotismo e a vontade de defender o Brasil fizeram parte do imaginário daquelas jovens, que estavam dispostas a sacrificar a própria vida pelo seu país. Além dos boletins, o

reconhecimento de tal bravura também foi expresso por meio de cerimônias e formaturas. É possível perceber nas FIGURAS 12 e 13, a posição de destaque das enfermeiras brasileiras perante o restante da tropa, evidenciando a importância da atuação delas na Guerra e o reconhecimento dos atributos já citado acima.

FIGURA 12: CUMPRIMENTO DO GENERAL MARK WINE CLARCK ÀS ENFERMEIRAS BRASILEIRAS



FONTE: 5ª Seção do C.M.L., Subseção de Áudio-Visuais

FIGURA 13: APRESENTAÇÃO OFICIAL DA TROPA BRASILEIRA PELO SEU COMANDANTE COM A PRESENÇA NO PALANQUE DAS ENFERMEIRAS DO EXÉRCITO BRASILEIRO.



FONTE: 5ª Seção do C.M.L., Subseção de Audiovisuais

O depoimento a seguir esclarece a figura 13, e mais uma vez ressalta a importância da atuação das brasileiras:

*[...] a disposição espacial dos militares [...] o General tem que estar à frente [...] as autoridades sempre à frente [...] a mais alta patente vem à frente e vai em ordem decrescente [...] para ele [Mark Clark] [...] foi uma honra comandar os brasileiros [...] [ele] elogiou todo nosso trabalho [...] nossa bravura [...] é uma coisa que cala no coração da gente [...] (Enfermeira Elza Cansanção).*



Ainda a respeito da segunda foto, Virgínia expõe o quanto se sentia honrada em servir à nação brasileira. No seguinte relato, fala da emoção de fazer parte do Exército e ainda cultua a Bandeira Nacional, símbolo da nação brasileira:

*[foi] [...] dia de muita emoção para nós, só vendo aquela massa verde de uniformes brasileiros perto[...] o desfile do verde oliva me emocionou demais [...] o mastro da bandeira achava-se bem na minha frente[...] (Enfermeira Virgínia Portocarrero).*

Segundo a matéria “Cuidados no campo de batalha” presente na Revista Enfermagem, a enfermeira Aracy é outro exemplo de como servir à pátria e de como isso pode levar seu próprio corpo ao extremo, ela foi reformada após perder a audição devido à explosão de uma mina enquanto acompanhava um paciente na ala de cirurgia de seu hospital.

Essa mesma mulher não apenas prestou serviços médicos, como também passou por experiências que nunca teria caso optasse por uma carreira civil. Sua relação com os pacientes ultrapassou as barreiras da mera obrigação profissional, é possível perceber a dedicação, a empatia e os cuidados com aqueles que estavam sob seus cuidados. Relatos dela presente na revista:

*[...]Tive como paciente verdadeiros heróis, rapazes novos, cheios de vontade de viver e muitos deles ficaram inutilizados, sem braços, sem pernas [...] [...] para os sessenta doentes que sempre ocupavam a E-22 eu era a amiga e serviçal, além da enfermeira. Escrevia para as mães, esposas, noivas e irmãs dos que não podiam fazê-lo pessoalmente. Ia à Red Cross (Cruz Vermelha Americana) buscar-lhes bombons, chicletes, revistas etc. Lia para eles, cantava para alegrá-los, enfim, de várias maneiras procurava servir-lhes e cumpria com meu dever[...] (*

Até mesmo os inimigos possuíam tratamento adequado, mostrando a ética profissional e humana que elas possuíam:

*(...) O ferido não tem posto nem nacionalidade. Quem tem prioridade é a doença. (...) naquela época o remédio principal era, além da penicilina, a sulfá. Para cada grama de sulfá se dava dois gramas de bicarbonato. Cada pílula de sulfá era de meio grama e de bicarbonato meio grama. Então a primeira dose de sulfá a se dar são oito gramas, portanto, dezesseis comprimidos de sulfá e trinta e dois de bicarbonato, que o desgraçado precisava tomar de uma vez só. O brasileiro sempre reclamava, o alemão não. Você entregava o monte de comprimidos, ele arregalava os olhos, pegava a caneca de líquido, enchia a boca e engolia tudo de uma vez”*

Findada a guerra, foi realizada, em uma formatura, entrega de medalhas aos militares que participaram e se destacaram nas respectivas atividades desempenhadas, dentre eles, havia enfermeiras integrantes do Serviço de Saúde da FEB.

FIGURA 14 - SOLENIDADE DE CONCESSÃO DA MEDALHA DE CAMPANHA NA POLICLÍNICA MILITAR DO RIO DE JANEIRO



FONTE: (OLIVEIRA; SANTOS, 2010)

As enfermeiras encontravam-se na quarta e penúltima fila, identificando-as da esquerda para a direita: Zilda Nogueira Rodrigues, uma enfermeira não identificada, Ondina Miranda de Souza, Alice Neves Maia, Carmem Bebiano, Nícia de Moraes Sampaio, uma enfermeira não identificada, Olímpia de Araújo Camerino, Gema Imaculada Ottolograno, Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero, Altamira Pereira Valadares (provavelmente) e duas outras enfermeiras não identificadas. Após a última fila, ainda restavam aquelas não fardadas, eram elas da esquerda para a direita: uma enfermeira não identificada, Maria Luiza Vilela Henry, Neuza de Mello Gonçalves, Maria Belém Landi, Novembrina Augusta Cavallero, Silvia Pereira Marques e duas outras enfermeiras não identificadas. (OLIVEIRA; SANTOS, 2010)

No que diz respeito ao discurso, dito pelo general João Afonso de Souza Ferreira, podemos tirar o seguinte trecho, que retrata o reconhecimento dos serviços médicos prestados pelas enfermeiras, indispensáveis para amenizar o sofrimento, proporcionar rápida recuperação e sem os quais não seria possível cumprir as missões de forma satisfatória:

*(...) E quanto a vós, gentis enfermeiras militares, que suave experiência representou para as nossas tropas em ação à presença da mulher brasileira, sob seu aspecto por excelência tutelar, a lenir sofrimentos, a permitir a tantos que pudessem fitar, quiçá a hora derradeira, vossas faces transfiguradas para eles em outras faces longínquas, na visão esfaimada pela distância, para além dos mares, de mães, de irmãs, de noivas ou de esposas, que naqueles instantes supremos puderam ter em vós as suas representantes credenciadas, ao lado dos queridos entes! Como foi doce e refrigerante a vossa presença, como consolastes os que tombaram, como animastes os que continuaram a lutar. Graças vos sejam dadas pelos bens que dispensastes,*

*pelos socorros que prestastes, pelo carinho que prodigalizastes.* (MINISTÉRIO DA GUERRA)

Na mesma formatura, o diretor de Saúde do EB concluiu:

*Oficiais, enfermeiras, praças do Serviço de Saúde do Exército Brasileiro, sede orgulhosos de vossa Medalha de Campanha! Ostentai-a em vossos peitos generosos com a altivez de quem soube oferecer à Pátria querida o melhor de si mesmo, e lembrai-vos, ao vê-la, do que sofrestes na longínqua terra italiana, e fazei, ao tocá-la, o juramento sagrado de que sereis assim dignos e bravos como o fostes então, todas as vezes que for preciso defender, em qualquer campo de batalha, o pavilhão mil vezes sacrossanto e o nome mil vezes querido do nosso grande Brasil (grifo nosso)* (MINISTÉRIO DA GUERRA)

Essas duas declarações na cerimônia de despedida das enfermeiras brasileiras deixam claro que o processo de inserção feminina no Exército foi bem-sucedido, as expectativas da atuação delas foram atendidas e o EB, juntamente com a nação brasileira, sentem-se orgulhosos de terem soldados mulheres que foram testadas e provaram seu valor em defender a honra da pátria.

## 7 CONCLUSÃO

Introduzir o segmento feminino numa área laboral dominada pelo sexo oposto, em um contexto histórico/social patriarcal no qual a figura da mulher era deixada para segundo plano, não foi uma tarefa fácil. Muitos foram os desafios enfrentados por elas, alguns surgiram antes mesmo de sair do Brasil, outros apareceram apenas em solo europeu.

Questões como preconceito social, cansaço e despreparo físico das candidatas, permearam o período de adaptação. O deslocamento para a Europa foi marcado por falta de transparência quanto às informações do embarque, pelo ócio, falta de espaço e problemas sanitários como enjoos e mal-estares. As condições climáticas e o frio europeu se tornaram os desafios mais marcantes para muitas, e a falta de uniformes e vestimentas adequadas para aquela ocasião dificultou o processo de adaptação. Inúmeros foram os problemas nos hospitais de campanha como dificuldades de comunicação devido a fatores linguísticos e falta de hierarquia bem definida entre as enfermeiras brasileiras e americanas, além disso, as brasileiras não recebiam soldos adequados.

Como exposto, não foram poucas as dificuldades enfrentadas pelas enfermeiras da FEB, mas vale ressaltar e concluir que foram todas superadas. Atributos essenciais ao oficial brasileiro como dedicação, responsabilidade, camaradagem, abnegação, resiliência, persistência, espírito de cumprimento de missão e amor à pátria fizeram parte das características das pracinhas. As referências elogiosas de diversos militares, inclusive do comandante da FEB, reforçam as ideias de gratidão e reconhecimento por seus serviços prestados.

Os atuais e futuros oficiais poderiam se espelhar nessas mulheres, buscando sempre o aprimoramento técnico-profissional, de maneira a cumprir as missões do Exército Brasileiro do século XXI, sendo exemplo de integridade pessoal de modo a garantir a confiabilidade frente à sociedade brasileira.

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Mônica Velloso. **Relação Brasil – Alemanha (1937-1945): Evolução e paradoxos**. 2010. 12 p. Dissertação (XIV Encontro Regional da ANPUH-Rio Memória e Patrimônio)- Unirio, [S.l.], 2010. Disponível em: <[http://snh2011.anpuh.org/resources/anais/8/1276651062\\_ARQUIVO\\_Artigo\\_Anpuh\\_2010final.pdf](http://snh2011.anpuh.org/resources/anais/8/1276651062_ARQUIVO_Artigo_Anpuh_2010final.pdf)>. Acesso em: 01 jan. 2019.
- BARREIRA, Lede de Alencar; BAPTISTA, Suely de Souza. **A (re)configuração do campo da enfermagem durante o Estado Novo: 1937-1945**. Rev Bras Enferm 2002 mar/abr; 55( 2): 205-16.
- BERNARDES, M.M.R; LOPES, G.T; SANTOS, T.C.F. **O Cotidiano das Enfermeiras do Exército na Força Expedicionária (FEB) no Teatro de Operações da 2ª Guerra Mundial, na Itália (1942-1945)**. Latino-am Enfermagem. 2005 maio-jun; 13(3): 314-21.
- BERNARDES, M.M.R; LOPES, G.T; SANTOS, T.C.F. **As enfermeiras na força expedicionária brasileira: a criação de um habitus militar na 2ª Guerra Mundial**. Esc. Anna Nery. 2004;8(3):370-377
- BERNARDES, M.M.R; LOPES, G.T. **As enfermeiras da força expedicionária brasileira no front italiano**. Rev Esc Enferm USP. 2007;41(3):447-53.
- BRAYNER, Floriano de Lima. **A verdade sobre a FEB: memórias de um Chefe de Estado – Maior na Campanha da Itália**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- CAMERINO, Olímpia de Araújo. **A mulher brasileira na Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro, Capemi Editora e Gráfica Ltda., 1983.
- CARLOS, Djailson José Delgado; MORERA, Jaime Alonso Caravaca; PADILHA, Maria Itayra. **ENFERMEIRA ELITA MARINHO: UMA REPRESENTANTE POTIGUAR NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**. 2012. Disponível em: <<http://www.here.abennacional.org.br/here/vol3num2artigo7.pdf>>. Acesso em: 05 jan. 2019
- COSTA, Marcos Antônio Tavares. **Imagens e memórias: uma análise da participação da força expedicionária brasileira na segunda guerra mundial**. CES Revista, Juiz de Fora, v. 26, 2012
- DAL LAGO, Alessandro. **Le Nostre Guerre**. Roma: Manifestolibri, 2010.
- FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 6ª ed. São Paulo (SP): Edusp; 1998.
- GAMA, Arthur Oscar Saldanha. **A Marinha do Brasil na Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro (RJ): Capemi; 1982.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX: 1942-1999**. São Paulo: Companhia das Letras; 1999.

LEITE, Juçara Luzia. **Diários de Guerra: mulheres, livros e testemunhos. 2011. 10 f. Dissertação (XIV Encontro Regional da ANPUH-Rio Memória e Patrimônio)** - Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2011.

LEONZO, Nanci. **Nossas Marias Quitérias. Revista do Exército Brasileiro**, v. 135, Rio: Biblioteca do Exército Ed., 3º trimestre de 1998. p. 47 – 55.

MEDEIROS, E. C. **Eu estava lá!** Rio de Janeiro: Ágora da Ilha; 2001.

MEDEIROS, E. C.. **Foi assim que a cobra fumou**. 4ª ed. Rio de Janeiro (RJ): Marques-Saraiva, 1987.

MEDEIROS, E. C.. **Um! Dois! Esquerda! Direita! Acelerem o passo**. Rio de Janeiro (RJ): Elza Cansação; 2003.

**Ministério da Guerra (BR)**. Diretoria Geral de Saúde do Exército Boletim Interno nº 233, de 12 de outubro de 1945. Publica discurso do diretor de Saúde do Exército em solenidade de entrega da Medalha de Campanha na Policlínica Militar.

MORAIS, Berta. **Testemunho de uma enfermeira. In FEB. Depoimento de oficiais da reserva sobre a FEB**. São Paulo, s/d, 1949. p. 403 – 419

MORAES, João Baptista Mascarenhas. **A FEB pelo seu comandante**. Rio de Janeiro (RJ): Biblioteca do Exército Ed, 2005.

MOTTA, Aracildes de Moraes, coordenador. **História oral do Exército na Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército; 2001.

OLIVEIRA, Alexandre Barbosa de et al. **“No front dos sexos”: a marcha de enfermeiras brasileiras para a conquista do serviço militar**. Revista Eletrônica de Enfermagem, Goiânia, v. 15, n. 3, p. 636-45, set. 2013. ISSN 1518-1944. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/fen/article/view/17446/15489>>. Acesso em: 02 jan. 2019.

OLIVEIRA, Alexandre Barbosa; SANTOS, Tânia Cristina Franco. **Condecorações de guerra como investidura de bens simbólicos às ex-enfermeiras febianas**. Esc Anna Nery Rev Enferm. jan./mar.; v. 14, n. 1, p. 19- 25, 2010.

PANOS INSTITUTE. **Armas para lutar, brazos para proteger**. Barcelona: Icaria, 1995

**Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013**. FIOCRUZ/COFEN

Revista Enfermagem. **Cuidados no campo de batalha**. São Paulo: COREN. v. n. 4 p. 28-33, mai./jun., 2013

RODRIGUES, Valeria Leoni. **A importância da mulher. 2008**. Disponível em:<<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/729-4.pdf>>. Acesso em: 30 maio 2019.

SILVA, Maristela Freitas. **Resgatando a memória: a história das enfermeiras da FEB na II Guerra Mundial. 1995. 165f.** Dissertação (Mestrado em Enfermagem). Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Escola de Enfermagem Anna Nery/ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.

SILVEIRA, Joaquim Xavier. **A FEB por um soldado.** Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; 2000.

SILVEIRA, J.X. **A FEB por um soldado.** Rio de Janeiro (RJ): Biblioteca do Exército Ed.; 2001.

VALADARES, Altamira Pereira. **A Capitã-Enfermeira Altamira Pereira Valadares conta sua participação na FEB.** Amicus. 2001 Mai; 3:77-89

VILLANUEVA, C. F. **A participação das mulheres nas guerras e a violência política.** In: JONAS, E. *Violências esculpidas.* Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2007